

**DOCUMENTO/MONUMENTO: REFLEXÕES TECIDAS A PARTIR DAS
IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT E JACQUES LE GOFF PARA A
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL (EP)**

***DOCUMENT/MONUMENT: REFLECTIONS WOVEN FROM THE IDEAS OF
MICHEL FOUCAULT AND JACQUES LE GOFF FOR PROFESSIONAL
EDUCATION (EP)***

***DOCUMENTO/MONUMENTO: REFLEXIONES DÉBILES DE LAS IDEAS DE
MICHEL FOUCAULT Y JACQUES LE GOFF PARA LA EDUCACIÓN
PROFESIONAL (EP)***

Antonio Max Ferreira da Costa
a.maxcosta@gmail.com

Mestre em Educação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Mateus do Nascimento
zenmateus@gmail.com

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professor no instituto Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Esse escrito tem como finalidade tecer reflexões sobre as categorias documento/monumento a partir das ideias de Michel Foucault e de Jacques Le Goff. Para problematizar o diálogo, se junta filosofia e história tentando possibilitar uma compreensão da arqueologia ou quem sabe uma arqueologia do saber e do texto documento/monumento, capítulo que compõe a “História e Memória”. Os conceitos tecidos nesse artigo serão pensados a partir da historiografia foucaultiana e legoffiana, investigando as definições, os aspectos e os procedimentos para que desse modo, se potencialize e articule a pesquisa nos campos da história da educação e da história da Educação Profissional (EP). Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para a compreensão das categorias mencionadas, sendo também realizada a Análise Temática por meio da distinção das ideias centrais das secundárias; problematizações e proposições, conforme recomendação de Severino (2007). Com este trabalho pode-se concluir que as categorias documento/monumento teorizadas por Michel Foucault e Jacques Le Goff possibilitam uma nova forma de fazer história, assim como antes a arqueologia tendia à história, podendo-se dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, tecida no campo da

nova história cultural e da história cultural, tende para a arqueologia, assim como para a descrição intrínseca do monumento.

Palavras-chave: Documento/monumento; História da Educação; História da Educação Profissional.

ABSTRACT

This writing aims to reflect on the document / monument categories based on the ideas of Michel Foucault and Jacques Le Goff. To problematize the dialogue, philosophy and history come together, trying to enable an understanding of archeology or perhaps an archeology of knowledge and the document/monument text, a chapter that composes the work "History and Memory". The concepts woven in this article will be thought from the Foucauldian and Legoffian historiography, investigating the definitions, aspects and procedures so that, in this way, potential and articulate research in the fields of the history of education and the history of Professional Education (EP). Methodologically, bibliographic research was carried out in order to understand the categories mentioned. Thematic Analysis was also carried out with the steps of distinguishing the central ideas from the secondary ones; conducting problematizations and propositions, as recommended by Severino (2007). With this work it can be concluded that the document / monument categories theorized by Michel Foucault and Jacques Le Goff make possible a new way of making history, just as archeology tended to history before, being able to say, playing a little with the words, that history, woven in the field of new cultural history and cultural history, tends towards archeology, as well as the intrinsic description of the monument.

Key words: Document/monument; History of Education; History of Vocational Education.

RESUMEN

Este escrito tiene como objetivo reflexionar sobre las categorías de documento/monumento basado en las ideas de Michel Foucault y Jacques Le Goff. Para problematizar el diálogo, la filosofía y la historia se unen, tratando de posibilitar una comprensión de la arqueología o quizás una arqueología del conocimiento y el texto documento/monumento, capítulo que compone "Historia y memoria". Los conceptos tejidos en este artículo serán pensados desde la historiografía foucaultiana y legoffiana, investigando las definiciones, aspectos

y procedimientos para que, de esta manera, potencialicen y articulen la investigación en los campos de la historia de la educación y la historia de la educación profesional (PE). Metodológicamente, se realizó una investigación bibliográfica para comprender las categorías mencionadas, y también se realizó un análisis temático distinguiendo las ideas centrales de las secundarias; problematizaciones y proposiciones, como recomienda Severino (2007). Con este trabajo se puede concluir que las categorías documento/monumento teorizadas por Michel Foucault y Jacques Le Goff posibilitan una nueva forma de hacer historia, tal como antes la arqueología tendía a la historia, pudiendo decir, jugando un poco con las palabras, que la historia, tejida en el campo de la nueva historia cultural y la historia cultural, tiende a la arqueología, así como a la descripción intrínseca del monumento.

Palabras clave: Documento/monumento; Historia de la educación; Historia de la educación profesional.

INTRODUÇÃO

“Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação não é aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir” (MICHEL FOUCAULT, 2000).

O presente artigo trata-se de reflexões sobre as categorias documento/monumento tecidas a partir das ideias de Michel Foucault e Jacques Le Goff. Para a construção desse escrito, fez-se uma pesquisa bibliográfica, buscando nos autores, compreender quem era Foucault e Le Goff, a sua arqueologia do saber e o seu método para analisar as fontes históricas, tais como os documentos e os discursos implicados neles.

A gênese sobre os conhecimentos historiográficos tecidos na interface entre filosofia e história (história da educação) propostos neste artigo se deu a partir da disciplina “Seminário Temático III – Filosofia da Educação Profissional”

ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), durante o semestre 2019.1 pelos professores doutores Avelino A. de Lima Neto (PPGEP-IFRN e PPGED-UFRN) e Jacques Gleyse da *École Doctorale 58/Université de Montpellier* – França.

Durante esse seminário temático, ocorrido no cerne do doutorado em educação profissional, na linha de História, Historiografia e Memória da Educação Profissional, foi possível manter contato com a celebre obra “A arqueologia do saber” de Michel Foucault, realizando metodologicamente a análise temática ancorada em Severino (2007, p.56-59), ciente que era necessário buscar extrair os elementos básicos do texto, tais como: Autor (vida, obra e ideias); Texto (quando, para que, para quem foi escrito); Vocabulário; Fatos, Autores, Teoria (s), Doutrina (s).

Para uma melhor organização do trabalho, estruturou-se o artigo em cinco itens, sendo o primeiro intitulado Michel Foucault: um pouco de sua vida e obra, na qual se apresenta uma biobibliográfica do teórico; No segundo tópico discorre-se também sobre a vida e a obra de Jacques Le Goff; Já no terceiro item, constrói-se uma breve análise das categorias históricas do documento/monumento, no quarto quesito do desenvolvimento deste texto, tenta-se aproximar as concepções de Foucault à Le Goff; No último ponto faz-se um breve diálogo entre Filosofia, História e Educação Profissional (EP); Depois desses tópicos, segue as considerações finais e as referências para aqueles que quiserem aprofundar a temática foucaultiana e legoffiana termo que se toma emprestado de Lima (2016), utilizado em seu artigo intitulado “Jacques Le Goff e a história política da Idade Média” publicado na revista *Brathair* de estudos celtas e germânicos.

Com esse estudo pode-se compreender que Michel Foucault trouxe inúmeras contribuições para se pensar o campo da história, bem como para a Nova História Cultural e da Nova História. Foucault não propôs fazer história

tradicional, mas uma arqueologia do saber, cujo método não é tratar a história como linear, com começo, meio e fim, portanto, compreende-se em Foucault que não há necessidade dessa sequência, pois cabe ao historiador ir cavando a superfície do solo para que dessa forma encontre os objetos, entendendo que existe uma presente noção de descontinuidade. Assim como Michel Foucault, Jacques Le Goff permitiu-nos pensar que a história é capaz de transformar os documentos em monumentos.

MICHEL FOUCAULT: UM POUCO DE SUA VIDA E OBRA



Fonte:Disponível:https://br.pinterest.com/pin/420453315185686540/?d=t&mt=si_gnup. Acesso em: 29 de abr. 2020.

Antes de pensar as categorias históricas do documento/monumento em Michel Foucault e em Jacques Le Goff, centralidade desse escrito, elege-se a princípio saber quem é o teórico que faz dialogar filosofia e história, propondo-se construir uma arqueologia do saber.

Paul-Michel Foucault nasceu em Poitiers, na França, em 15 de outubro de 1926. Ele herdou o mesmo nome do avô e do pai, que foram grandes cirurgiões. Foucault tenta ingressar na Escola Normal Superior com a expectativa de seguir a carreira de seus antepassados. Sua mãe Anne

Malapart, que também era filha de um importante cirurgião da cidade, teve um bom convívio com Foucault até a morte.

Anne Malapart desempenhou um papel decisivo na educação do filho. Seguindo uma máxima do Dr. Malapart, seu pai, para ela o importante era o filho aprender a governar a si mesmo. Anne Malapart foi a primeira a apoiar a decisão do filho de não se dedicar à medicina e, ao contratar um professor particular de filosofia, Louis Girard, pode ter influenciado em sua futura escolha.

Com se visualiza, Michel Foucault é filho de uma família burguesa, de uma cidade provinciana e conservadora da França. Para não se separar de sua irmã mais velha, Francine, ingressou no Liceu Henri IV, antes mesmo de completar 4 anos de idade.

Em 1946, segundo Albuquerque Júnior (2010), no texto “Esboço biográfico: Michel Foucault”, publicado pela Universidade Federal de Lavras-MG, Foucault ingressa na escola normal superior da França, onde passa a frequentar os diálogos com Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sarte, Paul Veyne, dentre outros pensadores. Na Escola Normal, Foucault é aluno de Maurice Merleau-Ponty.

Na época em que entra na Escola Normal Foucault se revela um adolescente frágil e instável emocionalmente, detestando a vida comum. Ele era um rapaz arisco, enigmático e fechado em si mesmo. Por volta dos 19 anos de idade, Foucault começa a viver a solidão de quem é diferente, de quem não segue as normas, de quem sente desejos que não são como os da maioria. A ironia e o sarcasmo é uma das principais armas existências de Foucault, passando a ser visto como insuportável a todos aqueles que o provoca e agride, ou seja, visto como maluco.

No ano de 1948, Foucault tenta suicídio e seu pai leva para o hospital Saint-Anne, fato marcante em sua vida, pois ele tem contato com a instituição psiquiátrica, é tanto que ele retorna depois como estudante de psiquiatria e depois como docente dessa disciplina, escrevendo inclusive texto tratando

dessa problemática, abordando os temas: doença mental e psicologia (1954) e história da loucura (1961), tratando da separação entre a loucura e a racionalidade.

Já em 1949, o jovem pensador Foucault, sob a orientação de Jean Hyppolite, defende sua tese sobre Hegel, concluindo seus estudos superiores em filosofia, e diplomando em psicologia. Em 1950, logo depois da guerra, Foucault se filia ao partido comunista da França, e sofre com a sua opção sexual, pois a França nessa época reprimia a questão homoerótica.

Foucault torna-se professor da cadeira de psicologia na Escola Normal Superior da França em 1951. De 1952 a 1970 este teórico dedica-se a produção acadêmica pesquisando sobre psicanálise, filosofia e psicologia, inclusive recebe o título de psicologia experimental. Passados alguns anos, especificamente em 1971 este intelectual assume a cadeira da disciplina história dos sistemas de pensamento, que antes era ocupada pelo seu orientador, sua aula inaugural foi a ordem do discurso, conceito trabalhado em suas obras.

Foucault não para de produzir conhecimento, publicando em 1975 a celebre obra Vigiar e Punir. Em seguida, publica os três volumes da História da Sexualidade, mostrando ao leitor como a sociedade ocidental faz do sexo um mero instrumento de poder, não pelo viés da repressão, mas da expressão. No escrito A Vontade de Saber de 1976, Foucault apresenta uma análise da arqueologia do sujeito do desejo, na modernidade ocidental.

Na década de 1980, Foucault publica mais duas obras: O Uso dos Prazeres, refletindo sobre a sexualidade na Grécia antiga e Os Cuidados de Si, analisando a sexualidade na Roma antiga. Em 1984, Foucault é acometido pelos sintomas da AIDS, vindo a falecer. Já realizada a descrição de quem foi Foucault apresenta-se alguns dados biobibliográficos do historiador Le Goff.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE JACQUES LE GOFF



Fonte: Disponível:<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/morre-historiador-frances-jacques-le-goff-aos-90-anos8dnch64ldpdik7k88w3nqht1q/>. Acesso em: 29 de abr. 2020.

Do mesmo modo como se fez no tópico passado para conhecer quem era Foucault é hora de conhecer quem foi Jacques Le Goff e sua obra. Esse celebre teórico da história nasceu em Toulon na França, em 01 de janeiro de 1924. Seus pais eram professores. Ele viveu na cidade até o final da Segunda Guerra Mundial, fez seus estudos iniciais, na ocasião em que foi aluno de Henri Michel, na época membro da resistência e um tempo depois, um analista especializado em história da 2ª guerra mundial. Le Goff, posteriormente, estudou em Marselha. Depois, foi convocado para o serviço de trabalho obrigatório pelo Governo de Vichy, unindo-se à resistência.

Sabe-se que com o fim da 2ª guerra mundial Le Goff estabelece-se em Paris e lá cursou a *École Normale*, na qual iniciou sua carreira de historiador e obteve a licenciatura. Entre os anos de 1945 e 1958, com o foco no período medieval, complementou a sua formação acadêmica dedicando-se as pesquisas em Praga, Oxford e Roma, como relata Silva (2016).

Jacques Le Goff começou suas atividades docentes na Universidade de Lille, no ano de 1958, no ano seguinte, foi logo nomeado por Fernand Braudel

para o seu primeiro cargo na VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, daí então, a trajetória desse historiador não se desvinculou mais dessa instituição. Dez anos depois, precisamente em 1969, portanto, após sua nomeação à VI Seção, o próprio Braudel designou-lhe, juntamente com Emmanuel Le Roy Ladurie e Marc Ferro, para a direção da revista *Annales, Histoire, Sciences Sociales*.

A revista *Annales, Histoire, Sciences Sociales* foi fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, sendo este um documento associado à origem da Escola dos *Annales*, e representa, sem dúvida, um marco importante para a renovação dos estudos históricos contemporâneos como afirma Silva (2016) em seu artigo “Jacques Le Goff: uma breve biografia, obras publicadas no Brasil e influência no Programa de Estudos Medievais da UFRJ”.

No ano de 1972, Le Goff foi eleito presidente da VI Seção com o apoio de Braudel que, impedido pela idade de permanecer no cargo, afastando-se oficialmente. Ele foi o terceiro presidente da VI Seção da *École Pratique des Hautes Études* (1972-1977), lugar anteriormente ocupado por Lucien Febvre, criador da referida seção; e Braudel, este último foi um dos principais atores no processo que garantiu maior autonomia à Escola em relação ao Ministério da Educação Nacional, que passou a ser designada, em 1975, como *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Neste período, destacamos que Le Goff se manteve vinculado à *École* como integrante do comitê de direção da revista.

Le Goff era muito envolvido com a *École* e com os *Annales*, mas isso não se caracterizava apenas pelo seu percurso administrativo, pois o mesmo esteve ao lado de autores como André Burguière, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby, Jacques Revel, Michel Vovelle e Philippe Ariès, entre outros, sendo identificado, como o integrante da terceira geração dos *Annales*.

Os historiadores que investigavam a Idade Medieval, ao longo de sua trajetória, interagiram com diversas influências. Destacam-se, em primeiro lugar, o grupo ligado aos *Annales*: Marc Bloch, Le Febvre, Le Roy Ladurie,

Braudel e Duby. As ideias desses teóricos foram fundantes para a construção das pesquisas sobre a Idade Média tecida por Le Goff. Além destes, pensadores e teóricos das mais diversas áreas do conhecimento contribuíram de formas diferentes, para as reflexões elaboradas pelo historiador, tais como Walter Scott, que despertou o seu interesse pelo medievo; Michelet, que o auxiliou a refletir a cerca das relações entre a Europa Medieval e a Modernidade; Polany e Kula, valiosos em seus estudos sobre os mercadores; Geremek, que o estimulou a analisar os marginais, e Bakhtin, autor chave em suas formulações sobre o riso.

Para Silva (2016) o historiador

Le Goff atuou em diversos comitês e conselhos: *Comité National; Conseil Supérieur de la Recherche et de la technologie; Conseil Supérieur des Universités; Conseil Scientifique de l'Institut de recherche et d'histoire des textes; Conseil de la Fondation France-Pologne, Conseil de la Fondation Pour la Science; Conseil del Centre International de Synthèse; Conseil de l'Academia Europea e Conseil de l'Académie Polonaise des Sciences*. Também atuou como membro correspondente da *Medieval Academy of America du Jury de l'Institut Universitaire de France*; foi presidente do *Conseil Scientifique de l'Ecole Nationale du Patrimoine; Codirector da Revue Annales, Histoire, Sciences Sociales* e da revista italiana de divulgação acadêmica denominada *Storia e Dossier*. Seu compromisso com a divulgação científica também pode ser verificado na sua atuação, de 1968 até a véspera de sua morte, no programa radiofônico *Les Lundis de l'Histoire*, produzido pela *France Culture*, e na participação em diversos projetos audiovisuais. (SILVA, 2016, p.37).

Como se pode visualizar Le Goff foi muito reconhecido e exerceu inúmeros cargos científicos e na área da História ainda recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* das universidades de Cracóvia, Louvaine, Jerusalém, Budapeste, Varsóvia, Bucareste, Cluj e Praga. Neste mesmo sentido, acumulou uma grande quantidade de prêmios, dentre os quais se destacam: Grande Prêmio Nacional de História (França); Prêmio Tevere (Roma); Grande Prêmio da Fondation de France; Médaille d'Or CNRS (França), e Prêmio Dr. A. H. Heineken de História, atribuído pela Academia Real das Artes e Ciências dos Países Baixos.

O celebre historiador francês Le Goff publicou escritos até o final de sua vida. Seus últimos trabalhos, portanto, datam até 2014. Tendo falecido no dia 1º de abril de 2014, em Paris, aos 90 anos de idade. Ele deixou como legado as principais obras conforme segue: *Marchands et Banquiers du Moyen Âge* (1956); *Les intellectuelles au Moyen Age* (1957); *Les grandes civilisations* (1964); *Les mentalités: une histoire ambiguë* (1974) texto escrito em parceria com Pierre Nora; *Pour un autre Moyen Âge. Temps, travail et culture en Occident* (1977); *História e Memória* (1977-1982); *La Nouvelle Histoire* (1978); *L'apogée de la France urbaine médiévale* (1980); Prefácio da obra *Les rois thaumaturges* de Marc Bloch (1983); *La bourse et la vie, Économie et Religion au Moyen Âge e Os Limbos* (1986); o *limbus puerorum e limbus patriarcharum*; *Saint Louis e L'Europe expliquée aux jeunes* (1996); *Pour l'amour des Villes* (1997); *A Cultural History of humour* (1997); *Une vie pour l'histoire. Entretiens avec Marc Heurgon* (1998); *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval* (1999).

A partir dos anos 2000, as obras escritas por Le Goff são: *L'intolerance* (2000); *Saint François d'Assise* (1999); *A la recherche du Moyen Age, Une histoire du corps au Moyen Age, La plus belle histoire de l'amour e Le Dieu du Moyen Âge* (2003); *Heróis e Maravilhas da Idade Média* (2005); *O valor da paz no Ocidente medieval, Un long Moyen Âge e Le Moyen Âge expliqué aux enfants* (2006); *L'Europe est-elle née au Moyen Age?* (2007); *A Idade Média e o Dinheiro* (2010); *Homens e Mulheres na Idade Média* (2012); *A la recherche du temps sacré e Legenda Áurea* (2014).

Percebe-se que Le Goff produziu um grande acervo de obras, constituindo-se significativo legado para a epistemologia teórico-metodológica do campo da pesquisa em história e para historiografia.

O passo seguinte: pensar as categorias Documento/monumento, seção três desse texto.

AS CATEGORIAS HISTÓRICAS DO DOCUMENTO/MONUMENTO

A princípio, o objetivo desse tópico consiste em problematizar o conceito de documento/monumento nas ideias de Foucault a partir da obra “A arqueologia do saber”. Ressaltando que as reflexões apresentadas aqui não se traduzem em receitas ou manuais de como fazer história. Esse pensador não se propôs apresentar um manual do ofício do historiador. O que ele promove, na realidade, são atividades praticadas pelos filósofos que acabara tomando uma dimensão que influenciaria inúmeros escritos realizados por historiadores franceses, brasileiros e de outros lugares. Desse modo, deixa-se claro que Foucault não desejou o exercício de historiador, mas realizar uma prática filosófica, baseada na reflexão sobre a escrita historiográfica, tendo foco os discursos.

No escrito “A arqueologia do saber”, Michael Foucault apresenta-nos o conceito de monumento relacionado a uma postura arqueológica no que diz respeito aos discursos. Para Foucault (2008) o pesquisador é uma espécie de arqueólogo do saber, só que no campo dos discursos. Desse modo, compreende-se que a investigação arqueológica se dá na busca profunda do subsolo, do não dito, do ignorado, do sagrado, das unidades profundas a fim de desconstruir os efeitos da superfície. Assim

[...] numa inversão direta de denominações, os discursos, os documentos, serão tomados enquanto monumentos. Porém, dizer isto não é o bastante. Ser encarado como monumento significa dizer que o discurso (o documento) será passível de ser desmontado em busca de unidades coerentes menores que possam, estas sim, nos facultar possibilidades finitas de construções mentais referentes ao período sobre o qual nos debruçamos. (LOPES, 2004, p.141-142).

Parece-nos, que as ideias de Michel Foucault sobre o método da arqueologia tornam o discurso desmontável, não necessitando respeitar uma unidade de séries externas para ser entendida. No entanto, carrega em si fundamentos com os quais desenvolva uma nova série.

Argumenta-se ainda, que a arqueologia tecida por Michel Foucault tem

por base o procedimento historiográfico, ou seja, uma forma de fazer/jeito de lidar com os discursos. Nesse movimento, concebe-se a ideia de ser humano como não sendo algo pronto, nem dado, mas construído, construção essa estruturada por meio dos discursos.

Outro conceito importante encontrado na teoria de Michel Foucault é quando ele fala da história, traduzindo-a como escrita, tempo e discurso. A história posta aqui não é aquela linear, com começo, meio e fim, porém salienta-se que não se faz necessário essa sequência. Visto que em Michel Foucault cabe ao pesquisador da história ir cavando a superfície para encontrar os objetos, compreendendo que há uma presente noção de descontinuidade.

Quanto à noção de descontinuidade afirma-se:

A história será 'efetiva' na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. (FOUCAULT, 2010, p.27-28).

Esse conceito de descontinuidade cindido na história faz refletir sobre a prerrogativa de que acontecerá uma inversão para essa ciência, pois antes se dedicava a grandes problemáticas, tais como: a tradição e o rastro.

As duas categorias, traição e rastro são substituídos por Michel Foucault pelo recorte e o limite, daí em diante a noção de descontinuidade que foi renegada pelos historiadores nos seus escritos historiográficos, torna-se, como adverte Foucault (1995), um dos elementos essenciais ou fundamentais da análise histórica.

Ainda sobre a funcionalidade da história Foucault (2010) diz:

A história ensina (...) a rir das solenidades das origens. A alta origem é o exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição, que elas seriam brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã. (FOUCAULT, 2010, p.18).

Os conceitos de gênese ou de origem são percebidos nas ideias de Foucault como sendo algo excessivamente histórico, e porque não dizer, discreto, modesto, irrisório, satírico, próprio a desfazer todas as vaidades infundidas.

Diante do exposto, pode-se concluir que Michel Foucault trás muitas contribuições ao campo da Nova História Cultural, sendo ele um representante de uma quarta geração herdeira dos *Annales* que seria a Nova História Cultural comandada pelos historiadores Roger Chartier e Jacques Revel como afirma Matos (2010). Esse teórico francês trouxe a noção de desestruturação dos documentos, advertindo que não bastaria apenas a interferência de fatores subjetivos na seleção documental, e muito menos a crítica estabelecida pelos teóricos da corrente positivista, dessa forma entende-se que é preciso desconstruí-lo para apreender suas condições de produção como afirma Dolinski (2011).

A história, na perspectiva foucaultiana, apresenta-se como possibilidade e se constrói da trama das discursividades sociais, carregadas de sentidos pelos lugares de produção e circulação.

DE FOUCAULT À LE GOFF

A princípio, o objetivo desse tópico consiste em problematizar o conceito de documento/monumento nas ideias de Foucault a partir da obra “A No artigo escrito por Dolinski (2011) este cita o historiador francês Marc Bloch um dos grandes impulsionadores da Nova História, para esse teórico existem duas grandes teses, sendo a primeira a relação entre passado e presente, e a segunda as questões ligadas ao método comparativo de análise.

Para Bloch (2001) uma das primeiras coisas que o pesquisador deve fazer para interpretar os documentos é formular as hipóteses e os problemas. Nesse caso, faz-se necessário usar o método regressivo, que consiste em

observar e investigar rigorosamente o presente, ou seja, analisar o presente para compreender o passado.

Nesse movimento do método regressivo, a comparação é feita com a observação de um fenômeno histórico ocorrido em um dado período, confrontado com outro fato de época diferente, apontando semelhanças e diferenças entre os tempos investigados.

Segundo Bloch (2001) o pesquisador da História não deve ficar dependendo somente dos relatos ou discursos dos estranhos, ele pode lançar mão das induções de um arqueólogo. Para se ter ideia, Michel Foucault propõe converter o documento em monumento e Le Goff (2003) aconselha aproximar os métodos históricos aos da arqueologia, de modo que

Assim como dantes a arqueologia tendia para a história, poder-se-ia dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, nos nossos dias, tende para a arqueologia, para a descrição intrínseca do monumento. (LE GOFF, 2003, p. 546).

Essa inferência de aproximar os métodos históricos aos da arqueologia do saber teorizada por Michel Foucault, faz-nos refletir se seria possível um diálogo entre filosofia, história e o campo da educação profissional?

POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA, A HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL (EP)

Antes de afirmar se é possível um diálogo entre a filosofia, a história e a educação profissional, pensa-se ser necessário refletir sobre o campo da educação profissional (EP). A educação profissional traduz-se como sendo uma área ou “[...] campo de disputa e negociação entre diferentes segmentos que compõem uma sociedade, desvelando a dimensão histórico-política das reformas de ensino, das concepções, projetos e práticas formativas” (MANFREDI, 2002, p. 61).

Nota-se com as ideias de Manfredi (2002) que a educação profissional

(EP) é um campo de conhecimento tanto epistêmico como uma prática, diz-se isso, pois conforme Medeiros Neta (2016) antes da configuração do campo de pesquisa, a educação profissional (EP) é uma modalidade de ensino demarcada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, integradas aos variados níveis escolares e dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

É visível que a educação profissional possui uma ligação histórica entre educação e trabalho, nesse sentido afirma-se:

A produção do conhecimento em educação profissional e tecnológica implica a compreensão histórica de como as políticas conduzem a esses resultados. Implica também o conhecimento de como são representadas ao nível dos discursos e das leis produzidos pelos sujeitos envolvidos nos acontecimentos e que têm acesso ao poder de decisão. (CIAVATTA, 2016, p.44).

O argumento de Ciavatta (2016) evidencia que na educação profissional existe uma relação histórica e dialética, sendo assim, entende-se que não há como ler e interpretar um documento sem cruzar as fontes, e mais que isso, deve-se tentar extrair o que contém as suas entrelinhas.

Tal afirmação faz-nos lembrar dos documentos encontrados nos arquivos da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, objeto de estudo da pesquisa de dissertação de Costa (2017) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), e reiniciada em 2019 com a produção da tese, cujo recorte nos arquivos delimita-se no tempo histórico de 1982 até 2002.

Ao retornar aos arquivos da Escola Anísio Teixeira em 2019, foi possível perceber que os documentos da escola ainda continuam desorganizados, sem uma sequência cronológica, sem conservação e as etiquetas de identificação não corresponde as fontes descritas. Mesmo com toda essa precarização do arquivo escolar, compreende-se com a arqueologia de Foucault (1995) que cabe ao historiador e cavando as superfícies mais profundas e lá encontrar os

documentos, cientes da descontinuidade do fazer histórico, o que não impede que o pesquisador da história faça uma imersão na dialética, transformando o documento em monumento, reafirmando a interface entre filosofia e história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar as categorias documento/monumento nas ideias tecidas por Michel Foucault é de certo modo algo complexo, devido à densidade dos conceitos desenvolvidos por esse grande teórico francês, e que propôs uma arqueologia do saber e não um método historiográfico tradicional.

Nota-se que esse método proposto e elaborado por Michel Foucault para a tessitura em uma arqueologia do saber possui uma disposição para o questionamento do ofício historiográfico, não dos procedimentos da interpretação hermenêutica, mas de uma nova maneira de interpretar os documentos, ou melhor, a sua investigação interna e externa, buscando e interligando os inúmeros processos que potencializam a sua construção, nesse sentido, o documento passa a ser concebido no centro de uma análise discursiva.

Jacques Le Goff, por sua vez, propõe transformar o documento em monumento, testemunho de um tempo que declara e denuncia. Então, propõe que o problema da história pode se resumir a questionar os documentos/monumentos em função de uma historiografia.

Conforme estabelece Jacques Le Goff (2003) entende-se que a História é que transforma os documentos em monumentos. Assim, reafirma-se que documento é aquele que o historiador seleciona para escrever a história, e o monumento é aquele que a sociedade ratifica e que conserva um determinado registro de memória.

Parece-nos que com Michel Foucault e Jacques Le Goff as categorias documento/monumento possibilita uma nova forma de fazer história, assim

como antes a arqueologia tendia para a história, podendo-se dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, tecida no campo da nova história cultural e história cultural, tende para a arqueologia, assim como para a descrição intrínseca do monumento.

Este texto foi oportuno para se realizar exercícios de reflexão sobre documento/monumento no contexto da Educação Profissional, especialmente, no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira. Instituição escolar situada na cidade de Natal-RN, que formava estudantes nos cursos técnicos profissionalizantes em Administração e Contabilidade, durante os anos de 1973 até 2002 (COSTA, 2017). De certo modo, apresenta-se como possibilidade de articulação dos dois campos do saber tecidos por Michel Foucault e Jacques Le Goff, ou seja, tentando promover um possível diálogo entre filosofia e história no cerne da Educação Profissional (EP).

Os documentos encontrados nos arquivos da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira não estão sobrepostos em uma linearidade/organização com início, meio e fim, em síntese não há uma cronologia. Pelo contrário, os documentos estão todos misturados e sem as devidas catalogações, enfim, a uma total precarização dos arquivos da instituição pesquisada.

Esse fato da não linearidade da organizado dos documentos do arquivo da Escola Estadual Professore Anísio Teixeira não é um problema, pois Michel Foucault (1995) adverte-nos que cabe ao historiador ir cavando a superfície para encontrar os objetos, entendendo que existe uma presente noção de descontinuidade no fazer historiográfico.

A descontinuidade dos documentos encontrados nos arquivos da instituição escolar citada nos permite fazer o movimento de imersão dialético em que a História não se encontra em estado de perfeição; de que o documento se apresenta na condição de materialização da memória; e que testemunho da história se constrói por determinada sociedade situada num tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Esboço biográfico: Michel Foucault.** Disponível em: <<http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/foucault.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CIAVATTA, Maria. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. **HOLOS**, [S.l.], v. 6, p. 33-49, out. 2016. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5013>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

COSTA, Antonio Max Ferreira da. **Ensino técnico profissionalizante no Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira: uma análise histórica das práticas pedagógicas (1974-1985).** 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, Natal, 2017.

DOLINSKI, João Pedro. A arqueologia foucaultiana e suas contribuições para a historiografia. **Interseções**. v.13, n.2, dez. 2011, p.370-395.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória.** Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Jacques Le Goff e a história política da Idade Média. **BRATHAIR**, v.16, n.2, 2016. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1264>. Acesso em 28 de Out. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche a Genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder.** Tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. Epígrafe. **Revista Vernáculo**, [S.l.], n. 1, abr. 2000. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/17425/11428>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

LOPES, R. T. D. Monumento e genealogia: notas sobre Michel Foucault. **Revista Nucleus**, v.2, n.1, abr./out. 2004. Disponível em: <<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/viewFile/412/468>>. Acesso em: 23 de jun. 2019.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates**: da escola dos annales à história nova. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1762/tendencias%20e%20debates.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 de nov. 2019.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes. A CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL. **HOLOS**, [S.l.], v. 6, p. 50-55, out. 2016. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4947>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MENDES, B. Relações de força e relações de sentido: Michel Foucault e Paul Ricoeur revolucionam a historiografia. **Revista de Teoria da História**, ano 2, n.5, jun. 2011. Disponível em: <http://www.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo_7_MENDES.pdf>. Acesso em: 23 de jun. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Jacques Le Goff: uma breve biografia, obras publicadas no Brasil e influência no Programa de Estudos Medievais da UFRJ. **BRATHAIR**, v.16, n.1, 2016. Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1173>>. Acesso em 28 de Out. 2019.

SILVA, Juan Carlo da Cruz; NETA, Olivia Moraes de Medeiros. História do ensino industrial no Brasil: uma análise historiográfica da obra de Celso Suckow da Fonseca. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá, v. 19, e091, 2019.



e-ISSN: 2177-8183

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942019000100225&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 de mar. 2020.